

# **Arte como Verdade**

**Publicado em:**

**Periódico Héstia**

Curitiba, v. 01, 2017

pgs. 08 – 23

[www.periodicohestia.org](http://www.periodicohestia.org)

## Arte como Verdade

Gilvan Fogel\*

1. Numa entrevista, Iberê Camargo disse conceber a arte como compromisso com a verdade<sup>1</sup>. Isso pode nos estranhar. Mas também Francis Bacon, também em uma entrevista, diz a mesma coisa<sup>2</sup>. E também Paul Klee, nos seus escritos... Também... Bem, deve haver outros e outros, mas de nada adianta multiplicar testemunhos e engordar a listagem. Isso não interessa e não é preciso. Preciso é esclarecer de que modo, como, arte pode, talvez deva e até precise ser entendida como verdade — como *compromisso* com a verdade.

Voltemos a dizer: isso nos estranha, pois sabe-se, vê-se, verifica-se por toda parte que arte não é verdade, pelo menos à medida que se entende por verdade a coincidência, o ajustamento ou a perfeita correspondência com as coisas. Ao contrário, vê-se por toda parte que arte, de modo geral, não reproduz verdadeiramente as coisas, não as espelha fiel, direta e imediatamente. Arte, diz-se, é fantasia, imaginação. Coisa ao sabor e à mercê da louca da casa — a fantasia, a imaginação. Logo, nenhum compromisso com a verdade. Até já se disse que arte é mentira, p.ex., Nietzsche, Picasso, Bacon. Mas mentira não é erro, não é nem o contrário e nem a negação da verdade. É tão só a sua

---

\* Endereço eletrônico: [gilvanfogel@gmail.com](mailto:gilvanfogel@gmail.com).

<sup>1</sup> Cf. Lagnado, L., *Conversações com Iberê Camargo*, Iluminuras, São Paulo, 1994, pág. 28.

<sup>2</sup> Cf. Sylvester, D., *Entrevistas com Francis Bacon – A brutalidade dos fatos*, Cosac & Naify Edições, SP., p.ex., pág. 172 a 176.

dissimulação. Mas deixemos isso de lado. Aqui, para nós, tudo vai depender de se entender arte e, claro, verdade.

O fato é que, por toda parte, vê-se, constata-se que arte não reproduz as coisas, mas, antes, ela as altera, as distorce, as vira e revira pelo avesso, deformando-as, dilacerando-as, mesmo destruindo-as. Como falamos em Klee, lembremos seus jogos ou brincadeiras infantis, onde impera o desfazer, a desconstrução, a deformação, enfim, a destruição<sup>3</sup>. No entanto, e até por isso mesmo, cheios de boa vontade — sejamos homens de boa vontade! —, cheios de boa disposição para ouvir testemunhos como o de Iberê Camargo ou o de Francis Bacon, enfim, imbuídos deste espírito ou desta predisposição, procuremos entender em que medida, *como* arte pode, mesmo e sobretudo deve e precisa ser entendida como verdade.

2. “Arte não reproduz o visível, mas faz visível”. Com esta conhecida e frequentemente citada frase, Klee abre seu pequeno ensaio, intitulado “A confissão criadora”. Em dizendo que arte não reproduz o visível, Klee quer dizer: arte não devolve (“wiedergeben”, é o verbo), não espelha ou reflete de volta, fielmente, o visível, isto é, as coisas, o que aparece ou se mostra aos nossos olhos imediatamente. Coisas, tudo quanto aparece e se dá imediatamente ao nosso olhar de expectador desinteressado — a isso se refere “o visível”, na primeira parte da frase citada. E, no sentido acima mencionado, a saber, como fiel correspondência àquilo que o imediato *bom senso* diz ser as coisas ou o real — neste

---

<sup>3</sup> Cf. *Paul Klee die Ordnung der Dinge, Bilder und Zitate zusammengestellt und kommentiert Von Tilmen Ostervold*, Hatje, Stuttgart, 1975, p. 104 a 107

sentido, arte não é verdade, não é verdadeira. Mas, está igualmente dito na frase de Klee, arte não é, não quer e não deve ser ou querer ser isso, a saber, esta fiel e *objetiva* correspondência com as coisas, com o visível.

Mas o que quer dizer: fazer, tornar visível? E, *agora*, o que quer dizer *visível*? Não é mais a mesma *coisa*, não é mais no mesmo sentido que foi dito anteriormente.

3. Agora, fazer ou tornar visível é poder mostrar, e assim fazer ou tornar visível, *aquilo* que faz da coisa a coisa que ela é e tal como é, isto é, trata-se de mostrar ou tornar visível a coisa que aparece justo *naquilo* que aparece, ou seja, a coisa *como tal* — nela mesma e desde ela mesma. Este mostrar ou tornar visível, ver-se-á, precisa ser ou, melhor, *só pode ser* um apontar, um insinuar, um sugerir e convidar. E: quem tiver olhos, que veja! Quem tiver ouvidos, que ouça!

Vê-se realmente algo quando se co-vê, quando se pode co-ver na coisa (nas coisas) *aquilo* ou o *algo* que faz desta coisa a coisa que ela é, ou seja, o que aparece ou se mostra coisa *tal como* aparece ou se mostra *na* ou *desde* sua força geradora, instauradora, iluminadora. Também se diz: fundadora. *Isso*, este *algo*, que, paradoxalmente, não é nenhum *isso* e nem nenhum *algo*, é invisível, quer dizer, nada que as impressões sensoriais ou os estímulos luminosos possam mostrar, pela via das sinapses e das reações eletroquímicas, no córtex cerebral, no centro da visão, enfim, aos olhos, a estes olhos que a terra há de comer! Fazer, tornar visível, é sugerir e convidar a esforçar-se, a empenhar-se para ver a invisível

força geradora, instauradora e iluminadora disso que é, aqui e agora, em sendo. Melhor: de cada coisa que é ao ser-aparecer tal como é, tal como aparece ou se mostra.

Em suma, vê-se realmente alguma coisa quando se co-vê, quando se pode (se conquista!) co-ver este algo ou esta alguma coisa *in statu nascendi*, isto é, em sua gênese, em sua geração. É isso a sua *natureza*, a sua *nascividade*. Enfim, sua *essência*. E isso, a saber, essência se fazendo essência, *essenciando-se*, que é gênese se fazendo gênese — *isso é verdade*.

4. Mas como isso? Klee — também Bacon, também Iberê — percorre este caminho de fazer visível *desfazendo* a coisa. “Distorcendo, dilacerando a imagem”, diz Bacon<sup>4</sup>. “A imagem”, quer dizer, a coisa tal como direta e imediatamente aparece, se dá, se mostra. Desfazendo a coisa, ou seja, desfigurando-a, deformando-a, tal como ela, canônica e cristalizadamente, se dá consolidada no e pelo hábito e que aí e assim, i.é, canônica e cristalizadamente, jaz diante de mim, de cada um de nós. Estranho, mas este desfazer (destruir, dilacerar, desfigurar, deformar) é a via para recuperar ou retomar o fazer e, assim, poder co-fazer coisa no seu *em se fazendo*

---

<sup>4</sup> Cf. Bacon, F., op. Cit. pág. 26 a 28; 56, 116. Numa outra fala, numa outra entrevista de Bacon, perguntado “Como definiria a pintura”, ele “responde sem nenhuma hesitação”: “Pintar é buscar a verdade”. E completa: “Pinto apenas para mim. Apenas para mim. Van Gogh quase conseguiu isso. Numa de suas extraordinárias cartas ao irmão, ele escrevia: ‘O que faço talvez seja uma mentira, mas isso evoca a realidade com mais correção.’ É necessária a mentira para chegar à realidade”. (Cf. Maubert, F., *Conversas com Francis Bacon*, Zahar, Rio, 2010, p. 63/4, grifo/italico G.F.). O que Bacon, aqui, seguindo e repetindo Van Gogh, chama “mentira”, é o que, adiante, veremos como deformação, desconstrução, destruição — para ver, para tornar visível, para *(re)conquistar gênese*.

*coisa* — a coisa *en-coisando-se*, em seu *en-coisar-se!* Desfaz, destrói, desconstrói, deforma para ver como foi feito, como foi construído, como foi formado, melhor, en-formado na sua formação, na sua en-formação. Coisa de criança, de criança meio má, meio perversal! *Arteira!* Daí os “Jogos Infantis”, de Klee — todos destruidores, deformadores, desestabilizadores, *além do bem e do mal*. E assim se ganha, se conquista realmente forma, à medida que se entende sob forma nem fôrma e nem formato, mas força de geração, *gênese ontológica*.

Para ratificar isso, Klee, em certo lugar, a certa altura de sua reflexão, não diz *forma*, mas *formação* — entenda-se: forma se fazendo forma, se gerando ou se autogerando, forma na sua *en-formação*, na sua “Formung”. “Nicht *Form*, sondern *Formung*”, diz ele, num alemão canhestro e meio corrosivo, com o uso incomum de “Formung”, quer dizer, “formação”, no sentido de *en-formação* ou de forma se fazendo forma<sup>5</sup>.

Trata-se, pois, de ganhar, de conquistar, de *ver* a coisa na sua gênese, na sua geração, na sua *natureza* (“natura”, “nascor, nascer”, “phýsis”) ou no seu caminho de aparecer — pois coisa, toda e qualquer, é caminho, *precisa* ser caminho — portanto, trata-se de *ver* coisa no seu caminho de aparecer, de mostrar-se, quer dizer, de fazer-se ou de tornar-se visível na sua própria gênese, na sua própria *essência*, enfim, na sua própria força de fazer-se ou tornar-se visível. Só isso é realmente ver, realmente tornar-se visível. E isso, esta gênese, constitui-se na *verdade* da coisa, ou seja, o seu descobrir-se ou mostrar-se *como tal*. Desse modo cabe ouvir-se, entender-se a fala de Iberê Camargo, segundo a qual ele vê na arte um

---

<sup>5</sup> Cf. Klee, P., op. Cit. pág.94.

compromisso com a verdade, um “ideal de plasmar uma verdade”<sup>6</sup>, isto é, a verdade das coisas, da coisa, do real. *Mais* deformação, *mais* distorção, *mais* penetração na força, na gênese das coisas, do real — logo, *mais* real, *mais* verdade, diz igualmente Bacon<sup>7</sup>. E, também igualmente, diz Klee, chegando ao extremo e ao estertor na crueldade jocosa e inocente de seus “jogos infantis”, onde a brincadeira é o dilaceramento, a destruição, a desarticulação, o despedaçamento de tudo — brinquedos, bonecos e bonecas, corpos, tudo desarticulado, despedaçado, de-formado — *além do bem e do mal*. A isso ele chamou, p.ex., “Batalha entre crianças”, “A brincadeira (o jogo) degenera”, “jogos (brincadeiras) infantis”, etc., etc.<sup>8</sup>. São crianças, numa aura de perfeita inocência, brincando de desfazer, de quebrar, de destruir. Criança *com bicho carpinteiro no corpo*, diz-se. Um pouco, bastante isso é o artista, a arte. O artista é tipo, é *cara arteiro*.

E assim se faz verdade, a verdade das coisas, a verdade do real ou o real na sua realidade propriamente dita. Quer dizer, a realidade do real ou o real na sua realização, na sua gênese se fazendo gênese. Assim, sobretudo assim ou somente assim ele, o real, se faz visível, se mostra na e desde a sua própria força de se fazer, de se tornar visível. Mais uma vez: é isso sua verdade e isso *quer* a arte, a boa arte, a verdadeira arte. A boa, a verdadeira arte quer verdade, *a* verdade!

E como é realmente esta verdade, este desencobrimento ou descoberta?

---

<sup>6</sup> Cf. Lagnado, L., op. Cit., pág. 28. Também nota 4, acima.

<sup>7</sup> Cf. Bacon, F., op.cit. pág. 148 e 172

<sup>8</sup> Cf. Klee, P., op. Cit., pág. 104 a 107 - “Schlacht unter Kinder”, “Das Spiel artet aus”, “Kinder-Spiele”.

5. Distorcendo, deformando, destruindo, quer dizer, *desfazendo*, arte faz, torna visível. Por esta via, arte revela forma, isto é, gênese ontológica. Enfim, pura e simplesmente, gênese. E isso, de novo, é revelar, desvelar ou tornar visível, o que é dito em e como *alétheia*. A isso, a saber, a este modo de ser, se chama também *verdade*. Verdade enquanto e como um tal desencobrimento ou descoberta, enquanto e como *conquista* e *seguimento* de gênese ontológica. Pode-se igualmente dizer: um modo de ser da e na vida que se caracteriza por ser uma *sintonia e uma sincronia com gênese, isto é, com a própria vida*. Uma espécie de vida da vida. Assim, verdade passa a ser o nome da própria dinâmica de realidade, ou seja, o movimento de realização de realidade, a forma enquanto *formação* ou *en-formação* — a “Formung”, no dizer de Klee.

A tendência de toda revelação ou descoberta, desencobrimento, é encobrir-se ou dissimular-se, à Dulcinéia ou Capitu, justamente nisso em que se revela ou se desencobre e *porque* se desencobre e se revela. Foi dito: a tendência. Na verdade, isso, este assim velar-se justo no que se revela e porque se revela, é próprio ou constitutivo desta dinâmica, a saber, a dinâmica de realização de realidade ou do fazer-se de verdade, enquanto e como a exposição de gênese, de gênese ontológica — *alétheia*. E isso porque a pura gênese, a pura verdade, isto é, a verdade ou a gênese em si e por si — esta não há, não pode haver ou dar-se, acontecer. Ela só há, só se faz ou se dá *em carne e osso*, na coisa e como coisa e, assim, retrai-se ou dissimula-se à medida que o homem *se distrai*, se *extravia* justo na concretização ou na realização que, na coisa e como coisa (= singularização, concretização), o envia, a saber, a gênese, a forma enquanto e como *formação, en-formação*, “Formung”.

Na pintura, por exemplo, a dinâmica de cor se fazendo cor se revela e, ao mesmo tempo e no mesmo ato, se retrai ou se dissimula justo no *pintado e porque* pintado, justo no fundo ou na base em que se dá o fazer-se cor de cor, quer dizer, a *coração da cor*, o que perfaz a pintura, o pintar ou o exercício, a atividade que é a poética de cor fazendo-se cor — *a coração*. Na poesia, a dinâmica de palavra se fazendo palavra enquanto e como dizer, que é mostrar, se revela e, ao mesmo tempo e no mesmo ato, se retrai ou se dissimula justo no dito e mostrado e *porque dito e mostrado*, ou seja, justo no ou sob o fundo de realização ou concretização do dizer, do mostrar-se, que constitui o exercício do dizer, enquanto e como a poética de, da palavra — do dizer ou nomear, dar nome.

Por isso, a cada passo, a cada instante, gênese precisa ser retomada, repetida, enfim, *reconquistada*. Isso, assim, graças ao imperativo desta atenção, deste exercício (ascese!) e tarefa, caracteriza o exercício de *lucidez*, ao qual o artista, o criador se submete, doce e alegremente se submete. Assim é preciso que lembremos e compreendamos a fala de João Cabral de Melo Neto da poesia como “exercício de lucidez”. Insistente disposição de acordado, de (re)acordar — melhor, de *des-dormir*.

6. É próprio, é constitutivo do mostrar-se velar-se, retirar-se. E isso no mesmo ato, pois o que se mostra *só* se mostra, *só pode* se mostrar na coisa e como coisa, no real e como real, individual e concretamente, e a coisa, o real, paradoxalmente, encobre, vela, justo no seu (sua) aparição ou realização, a sua própria força de realização ou aparição, isto é, sua gênese, sua *formação* — “Formung”. Isso, porém, apesar de próprio ou constitutivo, não é o

essencial na verdade, entendida desde e como desencobrimento ou descoberta (“alétheia”). Ou seja, não é isso que *essencialmente* perfaz a essência da verdade, enquanto e como mostrar-se ou fazer-se visível. O decisivo, portanto, não é o retrair-se pelo retrair-se, o ocultar-se pura e simplesmente, talvez até com a conotação de um esconder avaramente. Não.

A retração ou o velamento é *positivo* à medida que, enquanto e como velamento, mostra, revela. Ou seja, o velamento, o retrair-se ou ocultar-se *precisa ser revelante, mostrante*. Ele, o velamento, no velamento, enquanto e como velamento, precisa fazer visível, mostrar. Isso se dá ou acontece, quando acontece ou se dá *a evidência* da presença da ausência enquanto e como ausência — insinuada, entre-vista e, assim, co-vista, co-ouvida, co(n)-sentida. Este modo de ser, de aparecer, perfaz mistério — o mistério. O mistério, a rigor, não é nada profundo. Sobretudo nada infinitamente profundo. Assim ele, infinitamente, se adiaría, se protelaria. Não. O mistério é superfície, superficial. E isso à medida que esta superfície constitui-se no limiar de consanguinidade do raso e do profundo e à medida que esta linha de superfície, que este limiar constitui-se no lugar e na hora da evidência da presença da ausência, *enquanto e como ausência*. Para tanto, é preciso poder não precisar, não querer que o ausente se faça presente às escâncaras, ou seja, em escancarada e despudorada presença. A força do mistério está na beleza e na *suficiência* (na verdade, a beleza é esta suficiência) desta presença-ausência ou desta ausência-presença *sem querer e sem precisar vir à luz* para fazer-se visível. Portanto, um acontecimento sem cobiça, sem sanha — sem o *assanhamento* da busca, da *pesquisa*. Sem curiosidade, sem curiosismo. Sem o faustianismo da vontade, da cobiça de luz. Satisfação e suficiência na ausência, na *falta*, que, por isso, graças a

isso, se faz suficiência e satisfação, isto é, perfeição e cumulação no pouco, como pouco. No pobre, no finito — como finito, como pobre. Uma espécie de alegria e festa no e do não-saber, não-ver, não-poder. O ver, com alegria e satisfação, o não-ver enquanto e como não-ver. Sem *falta*, sem *carência* (“privação”), sem *culpa*. Sem *querer e sem precisar* saber, querer, poder. É, há, dá-se, faz-se, jaz. Amém!

O mistério é, pois, esta superfície que deve, que precisa ser toda e qualquer obra de arte. Toda e qualquer obra de arte precisa ser esta superfície, este limiar, onde se celebra, com alegria e suficiência, a presença da ausência enquanto e como ausência, isto é, o raso do profundo em contido irromper, em recatado dar-se e acontecer.

“Em recatado dar-se e acontecer” — o mistério, perfazendo a essência da verdade (“alétheia”), é justamente o modo de ser do recato, do *pudor*, de “aidós”, a deusa, a divindade, que é o “pudor sagrado”, o “sagrado recato”<sup>9</sup>. “Aidós” é outro nome para dizer o mesmo modo de ser e a mesma experiência (o mesmo fenômeno) presente em “alétheia”. Este fenômeno, na sua singeleza e fragilidade, se revela para todo leitor atento e cuidadoso, por exemplo, de Dostoiévski — Sonia, em *Crime e Castigo*, e Miskin, em *O Idiota*, para só ficar em dois insígnos exemplos. Mas é igualmente este o *fenômeno*, a *experiência* que atravessa o *Zaratustra*, de Nietzsche. A passagem, a *virada* para o *além do homem*, o “Übermensch”, é também e sobretudo a reconquista de pudor, de *aidós*, também o único afeto compatível com o fundo, o mais fundo

---

<sup>9</sup> Cf. Otto, W., *Theophanie — der Geist der altgriechischen Religion*, Vittorio Klostermann, Frankfurt, 1975, p. 66 a 68. Cf. Nietzsche, F., KGW VII-1, 7[161], p. 303.

da humanidade do homem, a saber, o abissal de dor. O “rubor de vergonha de Platão”, o “Schamröte Platos”<sup>10</sup>, não é só má consciência, culpa, remorso. É também e sobretudo, na inocência e como inocência (criança), a repetição, a re-tomada de  *pudor*, de recato, de *aidós*: a essência da verdade — o mistério.

7. Verdade, tal como exposto, caracteriza a própria essência, a própria forma do real, isto é, sua gênese ontológica. Esta forma, à medida que ação, atividade, constitui-se em história. História, em falando ação, atividade, diz o expor-se do tempo da ação, de vida criadora. E tempo é o nome do modo como a vida, o homem, se abre e, assim, se expõe e se realiza na sua lida, na sua ação ou ocupação sintonizada com a dinâmica de realização de realidade, isto é, enquanto e como partícipe em/de gênese, em/de  *formação* — “Formung”, na mencionada fala de Klee. Tempo, nas suas dimensões ou  *ek-stases* próprias (futuro, passado, presente), não é  *coisa* nenhuma, nada que ocorra aí e assim, como ocorrência, possa ser encontrado ou constatado (medido, verificado), mas só um modo de ser desdobrado ou articulado justamente em suas dimensões ( *ek-stases* — as  *extensões da alma*, segundo Santo Agostinho<sup>11</sup>), que são os seus  *sentidos ou aberturas*, isto é, modos como as coisas  *luzem ou se iluminam* para quem é e está na dimensão do movimento, quer dizer, do irromper, do passar e perecer, assim como igualmente do lançar-se, projetar-se — futuro, passado, presente. Este tempo, na articulação de suas  *ekstases* ou aberturas, é a lei do movimento da ação de vida criadora, à medida que, a cada passo, fala da repetição ou da retomada da irrupção do instante-

<sup>10</sup> Cf. Nietzsche, F.,  *História de um erro*, em  *Crepúsculo dos Ídolos*.

<sup>11</sup> Cf. Santo Agostinho,  *Confissões*, XI, 26 (principalmente).

obra, ou seja, da repetição ou da retomada da *bora* da eclosão de gênese, que é quando esta aparece ou se dá enquanto tal, na sua *evidência*. E ela assim se mostra no extraordinário de sua diferenciação, de sua *alteração* (vir a ser outra), enfim, de sua *transformação* — do seu lançar-se, projetar-se. É assim, enquanto tempo da e na vida criadora, que vida se faz ou se torna a vida da vida. Isso já é o próprio pensamento, a própria filosofia, enquanto esta é, sim, *amor à verdade*. Mais do que na arte, este modo de ser de cumulação ou de *perfeição* (*perfazimento*, “entelêcheia”) da vida, do homem, a saber, a vida da vida, acontece na filosofia, que é a vida do pensamento e como pensamento.

8. Esta história, esta exposição do tempo da criação — a insistente retomada do instante-gênese — é ocasião, hora ou *tempo* de exercício de liberdade. Tal ação, tal atividade, ou seja, esta história, é liberdade se fazendo liberdade. E liberdade faz-se liberdade enquanto e como o movimento de *liberação* (libertação) de um *próprio*, de uma *identidade*, quer dizer, de uma possibilidade por fazer, por cumprir. Por fazer ou por cumprir o vir a ser tal poder-ser justo na ação e como ação, na e como história, que é o tempo da criação fazendo-se tal tempo. Esta construção, esta cunhagem ou esta arquitetura é a arquitetura, a cunhagem ou a construção de um destino, de um envio de vida, de história, de verdade, justamente enquanto e como a liberação de um próprio, de uma identidade. E tal *construção* ou cunhagem vai se tecendo e se entretecendo enquanto se é *afinado* com, *afeiçoado* (partícipe, consanguíneo) ao próprio fazer, à própria ação. E tal *afinação*, *afeição*, quer dizer, participação ou consanguinidade, se dá como escuta, desde escuta,

isto é, como seguimento e obediência à transcendência do fazer, da *obra*. E isso é *corpo*, corpo se fazendo corpo, *crescendo como tal*.

Sendo e vivendo no tempo certo, no tempo da aparição e da retração de gênese, da força do fazer-se visível — sendo assim neste tempo certo, conquistando-o e reconquistando-o a cada passo, a cada gesto, assim, nascendo e renascendo — enfim, desse modo, está-se sempre morrendo, sempre se despedindo, largando e abrindo mão, mesmo e principalmente na hora *cheia* do encontro e da *glória*, assim, com alegria, repetindo e retomando o inútil, o por nada e para nada de vida, da vida. Vida, viver *na verdade*, no sentido de verdade, em sintonia e sincronia com gênese — isso é grande e supremo e *vale nada*. Vida, *isso*, é para nada. Vida — o ser e estar na sintonia-, na sincronia-gênese ou no destino de verdade — *isso* é só o fazer-se, o cumprir-se desta inutilidade necessária, ou seja, a ação, a atividade ou o exercício de liberdade, de liberação ou de cunhagem de um próprio, de uma identidade, no e pelo (graças ao) fazer necessário. Necessário e inútil, pois sem nenhum fim, fito ou propósito para fora e para além deste exercício, desta ação, desta atividade. É, dá-se, faz-se — por nada, para nada. Mas, uma grande alegria! Livre, necessário e inútil — *absolutamente* inútil, *absolutamente* necessário, *absolutamente* livre. Absolutamente, quer dizer, sem nenhuma referência ou implicação ou justificação *fora, além ou alguém*, deste âmbito do fazer necessário, inútil, livre. À toa. O nome deste âmbito: vida, existência. Vida própria, criadora, isto é, vida ascendente ou que  *cresce*. E crescer, aqui, quer dizer: vida que se intensifica, que se agrava ou que se faz *mais grave*. Nisso e assim ela se faz sempre mais simples, mais sóbria, mais econômica, mais *pobre* — alma seca.

9. Aqui, liberdade foi mencionada por último. Nesta configuração ou estrutura, porém, liberdade é o primeiro fenômeno, o acontecimento arcaico, inaugurador, fundador. Pois liberdade, o exercício de/da liberdade é só o fazer-se e cumprir-se do que é doação, gratuidade, pura irrupção abissal, a saber, a vida como possibilidade de e para possibilidade a se fazer, a se cumprir. *Indigência* a se cumprir, a se fazer — e com graça, com jovialidade, com satisfação e *suficiência*, pois não se quer, não se *precisa* de mais nada, de nada além. É, há, dá-se, faz-se — e isso é alegria, uma grande alegria. *Satisfação, suficiência*. Satisfação, suficiência, *na indigência, como indigência*. Isso é realmente fartura. Riqueza. Alegria.

10. Arte como verdade. E por que arte? Para que arte? Arte foi tomada só e tão só como ocasião oportuna para se mostrar o modo de ser verdade como a articulação do real, de todo e qualquer real, como gênese, história e liberdade — *alétheia*. Este modo de ser perfaz criação. Vida, existência criadora, pois só nesta dimensão própria, vitalmente *tensa*, acontece, pode acontecer real e verdade *enquanto tais*.

A destacar-se, portanto, o caráter de exemplaridade da arte para, nela e através dela, configurar-se o aparecer, o fazer-se visível *nele mesmo* ou *como tal*. Nada de enlevos ou arroubos com a arte pela arte. Portanto, nenhum esteticismo. O modo de ser que se revela exemplar ou *arché-tipicamente* na arte e como arte — a vida criadora — não precisa ser necessariamente “artístico”. Não. Trata-se de um modo de ser, a saber, o da vida na sua exemplaridade como vida ascendente ou criadora, que precisa tornar-se todo e qualquer

possível modo de ser de vida, de existência, desde que esta seja regida por sinceridade vital, por esforço e empenho de autenticidade ou de próprio. Enfim, desde que se mostre uma vida, uma existência regida por *amor próprio*.

Machado de Assis, em uma de suas *Crônicas*, responde ao apelo de Diógenes, o Cínico, dizendo, logo na abertura: “Apaguemos a lanterna de Diógenes; achei um homem”<sup>12</sup>. E, então, entre maravilhado e perplexo, fala de um anúncio em um jornal, no qual um *cara*, um *tipo*, aqui, de um subúrbio carioca, anuncia a venda de uma barbearia pelo puro, simples e franciscano fato de que ele, o proprietário, na verdade, um pseudobarbeiro, “não entendia do ofício”. O anúncio rezava: “Vende-se uma casa de barbeiro fora da cidade, o ponto é bom e o capital diminuto; o dono vende por não entender...” Por conta da sincera e nobre confissão, diz Machado: “O ato sobra.” Isto é, o ato ultrapassa, *transborda*, a *decisão transcende*. Ultrapassa, transcende o habitual e lança para o in-habitual; projeta, faz ascender até e principalmente para a dimensão do extraordinário na superação, no ultrapassamento de um erro. Sim, de um erro. E o erro, *o desvio é não ser o que precisa ser, não fazer o que é preciso fazer para vir a ser o que é*. Este é, sim, um grande erro, um grande desvio. E, continua Machado, tal ato, tal *decisão* é, seria como que “a retificação da sociedade... Cada homem assim devolvido ao lugar próprio e determinado.” O decisivo é a reivindicação do lugar próprio. Do próprio. A verdade é que o *cara*, o *tipo* — sim, *tipo*, isto é, estrutura, *forma* — não era *um* ou *o* fazer necessário. Por isso, evidenciava-se para ele, *não* era livre. Não era livre *para* a liberação de uma identidade, de um próprio. É este o horizonte no qual, desde o qual

---

<sup>12</sup> Cf. Assis, Machado, *Crônica, A Semana*, 1896, em *Obra Completa*, vol. III, Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 1979, pág. 717.

se faz, *só* se faz e *só* se cumpre verdade, isto é, gênese de realidade e realidade como gênese. Criação.

Desde e como a ação, a atividade necessária, vem a ser, torna-te o que tu és, isto é, realiza, cumpre a tua possibilidade própria — *conquiste-a*. Por nada. Para nada. Só a alegria no, do viver ou de ser irrevogavelmente o que é e como deve, como precisa ser: na e como ação. Que seja a necessária. Necessária e inútil. Alegre, jovial. A que liberta, a *só* que liberta. Está feito o convite, a proposta, o desafio. “In hoc signo...” Sim, que se possa sempre, a cada passo, dizer: “Apaguemos a lanterna de Diógenes, pois encontrei-*me*”. E este *me*, este *eu*, chama-se, na verdade, *próprio*, isto é, alguém ou algum que se encontra, que se encontrou ou veio a ser desde e como *transcendência*, ou seja, ao lançar-se na e ao entregar-se à ação necessária, a grande escultora de destino, isto é, de história e de liberdade, como um próprio ou uma identidade, que é o modo de ser, a dimensão na qual e desde a qual acontece verdade, isto é, *a verdade como tal, dando-se ou aparecendo como verdade*. É quando ela se faz destino e história. Que seja, que aconteça ou se faça. Sim, *eu quero*: amor à verdade.

**Publicado em:**

Periódico Héstia  
Curitiba, v. 01, 2017  
pgs. 08 – 23  
[www.periodicohestia.org](http://www.periodicohestia.org)

